

RESENHA

FABRICAR O HUMANO

<http://dx.doi.org/10.1590/1984-0292/1344>

*Cristiane Oliveira**

Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil

BIRMAN, J. et al. (Org.). *A Fabricação do Humano: Psicanálise, Subjetivação e Cultura*. São Paulo: Zagodoni, 2014.

RESUMO

O texto faz a resenha do livro A Fabricação do Humano: Psicanálise, Subjetivação e Cultura, que tem por objetivo oferecer ao leitor um rico panorama no qual diferentes análises sobre a fabricação de experiências contemporâneas em torno de montagens subjetivas atestam ou problematizam a inconsistência ontológica do humano. A tolerância epistemológica, a suposição de imanência da alteridade na fabricação do humano e atitude genealógica são marcas que atravessam os capítulos deste livro na análise de diferentes objetos de pesquisa. O livro contribui para a reflexão crítica sobre os impasses subjetivos na atualidade, oferecendo um arguto diagnóstico do presente.

Palavras-chave: psicanálise; subjetivação; cultura; alteridade.

MANUFACTURING THE HUMAN

ABSTRACT

The text is a review of the book “The Making of the Human: Psychoanalysis, Subjectivity and Culture”, which aims to offer the reader a rich panorama in which different analyses on the manufacture of contemporary experiences around subjective assemblies testify or question the ontological inconsistency of human. The epistemological tolerance, the assumption of immanence of alterity in the manufacture of human and genealogical attitude are brands crossing the chapters of this book in the analysis of different research objects. The book contributes to the critical reflection on subjective impasses today, offering an astute diagnosis of the present.

Keywords: Psychoanalysis; Subjectivity; Culture; Alterity.

*Endereço para correspondência: Universidade Federal da Bahia, Instituto de Psicologia. Rua Aristides Novis, 2, Estrada de São Lázaro, Federação, CEP: 40210730, Salvador-BA, Brasil.
E-mail: cristianeoliveira@ufba.br



Acaba de ser lançado o livro *A Fabricação do Humano*, fruto do consistente trabalho do grupo Psicanálise, Subjetivação e Cultura Contemporânea da ANPEPP (Associação Nacional de Pesquisa em Psicologia) e organizado por Joel Birman, Daniel Kupermann, Eduardo Leal Cunha e Leopoldo Fulgencio. Não se trata de um livro sobre o problema ontológico do que vem a ser o humano. Trata-se, antes, de oferecer ao leitor um rico panorama no qual diferentes análises sobre a fabricação de experiências contemporâneas em torno de montagens subjetivas atestam ou problematizam a inconsistência ontológica do humano. Os ensaios aqui reunidos advêm de um trabalho analítico em torno da idéia de fabricação e assumem, por diferentes táticas, uma atitude epistemológica e ética acerca do “sujeito” orientada para o devir, para o fragmentário, para a instabilidade. É

transversal ao conjunto de ensaios apresentados a recusa aos fundacionismos, revelando um esforço de não se deixar seduzir pelo “conforto” de assentar as análises em categorias fixas e essencializadas.

Aqui o leitor encontrará diversos desdobramentos do pressuposto do livro, qual seja, a imanência da alteridade na fabricação sempre inacabada do humano. Trata-se de um fundamento de boa parte da tradição do pensamento nas ciências humanas, mas que — e esse é um dos méritos do livro — é retomada de forma inventiva pelos autores, tanto pela aposta na profícua idéia de fabricação, conforme já mencionado, quanto pelo circunstanciamento contemporâneo dado aos seus objetos de pesquisa.

Notável é também a tolerância epistemológica que marca o trabalho do grupo, no qual pesquisadores atravessados por diferentes filiações teóricas no campo da psicanálise sustentam convergências, mas também tensões e dissensões, assumindo essa heterogeneidade como condição de existência e não como um defeito a contornar. Não deve ser por acaso que o ensaio que abre os caminhos do livro é intitulado “Os paradigmas em psicanálise”. Integrando a primeira parte “Modulações da fabricação do humano”, Joel Birman faz uma reflexão sobre a noção de paradigma neste campo, contrastando-a com a noção de paradigma em ciência. A disputa entre os diferentes paradigmas nas fundações e refundações dessa discursividade, sob a guarda das relações transferenciais que se estabelecem tanto ao nível da singularidade, quanto das relações institucionais, seria marcada por uma “exclusão soberana”, na qual a afirmação de uma psicanálise verdadeira e a proscricção de uma falsa psicanálise estaria no seu cerne. Jogos de verdade explicitados pelo autor que servem de

ponto de ancoragem da crítica por ele empreendida neste ensaio e em outros de seus trabalhos — “Mal-estar na atualidade” (BIRMAN, 2003), “Entre cuidado de si e saber de si” (BIRMAN, 2000), para citar alguns — que situa as assimilações e resistências da psicanálise à biopolítica. Neste cenário, ao ler cada paradigma em psicanálise como uma tentativa de resposta ao mal-estar forjada em condições de possibilidade particulares, o autor procura desestabilizar a idéia de um padrão-ouro a definir o lugar onde a verdade poderia repousar.

No esteio da assunção da incomensurabilidade entre diferentes paradigmas em psicanálise afirmada por Birman, a segunda parte do livro, intitulada “Identities e modos de subjetivação”, apresenta um conjunto de ensaios que se dedicam à análise circunstanciada de diferentes formas de subjetivação contemporâneas. Desta forma, em um momento em que assistimos a um retorno da categoria “perversão” nas preocupações psicanalíticas atrelado às implicações do declínio do patriarcado, Eduardo Leal Cunha realiza, no texto intitulado “A dupla face do desmentido na atualidade: entre aniquilamento do outro e felicidade em simulacro”, uma disjunção entre desmentido e perversão, tomando duas figuras — o predador e o perdedor —, que dariam corpo a experiências subjetivas contemporâneas. Ao analisar as antípodas de novas modulações de subjetivação em sua relação com a alteridade, o autor nos aponta as aparições do desmentido tanto na crueldade do assassinato interminável a revelar as aparições da violência na *pulp fiction* do laço social contemporâneo, quanto na denegação da castração presente na “felicidade do simulacro” do perdedor. O trabalho abre, ainda, uma fresta para pensar as codificações contemporâneas da passagem do “ininteligível ao monstruoso”, sugestiva de um novo projeto de pesquisa que retome, por exemplo, a relação entre o humano e não-humano (máquina/animal), bastante em voga em diferentes tradições na filosofia contemporânea (AGAMBEN, 2013; HARAWAY, 2000).

A experiência da dor, alvo de crescentes investimentos no campo da biomedicina, é retomada no consistente trabalho de Isabel Fortes intitulado “A função da dor na apropriação do corpo”, recolocando-a a partir de uma perspectiva que a assume como uma experiência de sofrimento que revela, ao mesmo tempo, sua potência de dar consistência à corporeidade. Para tanto, a autora percorre um itinerário que parte da dor hipocondríaca, privilegiando a experiência paranóica a desvelar a presença da alteridade na experiência corporal e que, ao fim e ao cabo, produz a tessitura que dá ao corpo um estatuto em psicanálise, marcado simultaneamente por seu caráter fragmentário, pulsional e estrangeiro. Categorias que trazem uma contribuição para pensar, de modo sensível, a pregnância das montagens corporais no mal-estar na atualidade (anorexia, escarificações, somatizações, para citar algumas de suas expressões), nos quais o corpo comparece de forma ruidosa e, ao mesmo tempo, naturalizada, sem a imprescindível articulação que a autora faz com a dimensão do outro.

Retomando o texto freudiano “O Estranho” (*Das Unheimliche*), Mauricio Rodrigues de Souza, no ensaio intitulado “Estranhos traslados e traduções: encontros e desencontros em psicanálise”, analisa, na interlocução entre cinema e psicanálise, através do filme *Lost in translation*, de Sofia Coppola, a inquietação,

a estranheza e a desterritorialização que, se despertam angústia, carrega, no seus rastros, potencia criativa. Reaparece aqui o valor dado ao fragmentário pelo descentramento do sujeito que, no encontro contingente com o insólito no coração do familiar, precisa se desconhecer para reinventar. Ainda na problematização do estatuto de sujeito em psicanálise, mas em um novo itinerário, Rogério Paes Henriques, em seu ensaio “O discurso da medicalização e a saúde como ideal: o que há de novo nos ‘novos sujeitos’?” realiza um trabalho crítico numa dupla vertente. De um lado, problematiza o ideal marcado por aquilo que poderíamos denominar de uma subversão valorativa entre vida e saúde, na qual a saúde é o valor preeminente, explorando o processo de medicalização, menos a partir de sua vertente disciplinar do que a partir de sua aparição em termos de gestão dos riscos, já analisado pelo Foucault no final da década de 1970 como dispositivo da segurança (FOUCAULT, 2004). De outro, o autor resgata a concepção lacaniana de sujeito, marcado pela evanescência e por sua condição de efeito (de sua alienação ao significante e de um objeto que lhe causa), para propor uma crítica à afirmação corrente na atualidade de que estaríamos diante de “novos sujeitos”, a exemplo da categoria de “sujeitos somáticos”, sugerindo haver nessas produções uma superposição entre o sujeito e eu ideal, marcado por seu assujeitamento às práticas discursivas e não-discursivas da medicalização. Emancipar o sujeito de sua consistência imaginária, regida pelo imperativo da medicalização recodificada pelo risco e pela vulnerabilidade, é um gesto que merece destaque nesse ensaio, sobretudo pelas implicações clínicas que ela engendra.

Finalizando esse mosaico de formas de subjetivação, as repercussões das novas tecnologias reprodutivas nas relações de filiação são trabalhadas por Simone Perelson, em seu eloqüente ensaio intitulado “Novas tecnologias reprodutivas: novas versões de pais?”. Através de sua experiência clínica com reprodução assistida e tomando a figura do “doador de sêmen”, Perelson tem por hipótese que essa figura pode ocupar um lugar na relação de filiação, evocando diferentes versões de pai e de forma não necessariamente prejudicial ao exercício desta função. Nesse sentido, o doador de sêmen poderia ter uma incidência imaginária, como suporte de fantasias; uma incidência simbólica, na medida em que pode intervir como terceiro; e uma incidência real, como produtor do sintoma que terá por efeito produzir separação entre mãe e filho. Ao revisitar a interpretação lacaniana do final dos anos 1950 sobre o Édipo, a autora traz uma contribuição para o debate acerca das relações de filiação contemporânea, onde assistimos, vale lembrar, a uma autonomização entre sexo e reprodução, ao afirmar que as condições para exercício da função paterna descritas por Lacan podem existir hoje separadamente – ser o destinatário do desejo da mãe e tê-la como causa de seu desejo. Com isso, ela contribui para relativizar o tom catastrófico que atravessa o discurso psicanalítico dado às tecnologias reprodutivas na constituição de novas formas de filiação, sem, contudo, deixar de reconhecer as suas particularidades em um contexto de profundas transformações no terreno da sexualidade, nem, tampouco, assimilar-se às táticas de conquista de mercado pela medicina.

Pesquisa e clínica se encontram sob a insígnia da criatividade na terceira e última parte do livro, qual seja, “A clínica psicanalítica na contemporaneidade”. Daniel Kupermann, no seu artigo intitulado “A via sensível da elaboração na clínica psicanalítica: 30 notas de/para uma pesquisa”, valendo-se da interlocução Freud-Ferenczi, resgata o conceito de elaboração para situar a lição freudiana quanto à necessidade de sensibilidade analítica em relação à temporalidade própria de cada experiência de análise. Com isso o autor afirma a necessidade de permanente inventividade clínica do analista para lidar com os desafios transferenciais, sobretudo quando são colocados em pauta os desafios clínicos na atualidade. Resgatando a questão da transferência na pesquisa em psicanálise, que teve como ponto de partida um debate sobre a questão de um controverso excesso transferencial na pesquisa em psicanálise, Daniel Menezes Coelho e Joel Birman, no artigo “A transferência na pesquisa em psicanálise – um ponto de vista ético” analisam a relação entre transferência e pesquisa, tanto do ponto de vista do lugar da transferência nas relações institucionais no campo psicanalítico, quanto das implicações da primazia da clínica para a pesquisa em psicanálise, questão que tem como pano de fundo as tensas relações entre universidade e instituições de psicanálise. Ainda no campo da clínica, mas deslocando o acento para a experiência do analisando, Paulo de Carvalho Ribeiro no artigo “Ciúme masculino e identificação feminina recalçada”, ressalta a relação entre ciúme e a repulsa à identificação à feminilidade presente na experiência masculina, produzindo um deslocamento da pregnância freudiana dada à homossexualidade na análise do ciúme para o horror à feminilidade. Encerrando o livro, Leopoldo Fulgencio, em seu artigo “A necessidade de ser como fundamento do modelo ontológico de homem para Winnicott” retorna ao problema do ser, valendo-se da formulação de uma crítica à metapsicologia freudiana, qualificada pelo autor como “naturalista”, e aproximando-se da fenomenologia, através de Winnicott. Com efeito, uma nova ontologia é afirmada como fundamento para o tratamento psicanalítico, definido como “um tipo de relação humana simplificada, cujo objetivo é a conquista, pela pessoa do paciente, de sua autonomia para ser e viver a partir de si mesmo, adaptando-se ao mundo, mas sem perda em demasia de sua espontaneidade” (p. 146). É nesse quadro que são retomados os conceitos de saúde e doença como balizas clínicas para construção e desconstrução de normatividades subjetivas, conceitos cuja utilização no campo da psicanálise é controversa, mas que reafirmam, no argumento do autor, o devir como marca daquilo que Winnicott nomeou como “natureza humana”.

A oficina para os ensaios sobre as montagens subjetivas analisadas em sua multiplicidade de temáticas e através de uma diversidade de perspectivas teóricas dentro do campo da psicanálise são os desdobramentos éticos e biopolíticos das transformações operadas na cultura contemporânea. Nesse sentido, os autores bancam o desafio de pensar as experiências em suas emergências, quer dizer, ao tempo em que elas estão se produzindo, no sutil intervalo entre nascimento e morte que marca a atitude genealógica que serve como pano de fundo metodológico para o trabalho. Assumem, ainda, uma posição de resistência, no sentido

foucaultiano do termo, por definição inventiva, fazendo face ao reducionismo fiscalista requeitado da atualidade e ao essencialismo biológico recrudescido pelas tecnologias de poder vigentes no capitalismo avançado.

Em suas contribuições individuais, mas também como conjunto articulado em torno das montagens subjetivas na cultura contemporânea, *A Fabricação do Humano* é de grande atualidade ético-política. Em um mundo marcado pela desertificação da alteridade, insuflada pelas tecnologias de normalização e avalizada pelo discurso tecnocientífico, abordar, por vias renovadas, que o mundo relacional segue sendo o mundo no qual habitamos como sujeitos contribui para pensar suas implicações para um diagnóstico de presente e para a antropologia vindoura.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. *O aberto: o homem e o animal*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

BIRMAN, J. *Entre cuidado de si e saber de si: sobre Foucault e a Psicanálise*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.

BIRMAN, J. *O mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. 4. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

FOUCAULT, M. *Sécurité, territoire, population: cours au Collège de France [1977-1978]*. Paris: Seuil/Gallimard, 2004.

FREUD, S. O Estranho (1919). In: SALOMÃO, J. (Org.). *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990. Edição Standard Brasileira, v. 17, p. 273-314.

HAWARAY, D. A cyborg manifesto: Science, technology and social feminist in the late twentieth century. In: BELL, D; KENNEDY, B. *The Cibercultures reader*. London: Routledge, 2000. p. 291-324.

Recebido em: 08 de agosto de 2014

Aceito em: 03 de setembro de 2014